

Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade

HELENA HIRATA

São Paulo: Boitempo, 2012, 336p.

*Juliane da Costa Furno**

Este é um importante apanhado de textos – inéditos em português – que compõem o conjunto de uma das principais obras sociológicas que discutem a divisão sexual do trabalho. O texto em questão é sugestivo, traz uma pergunta em vez de uma afirmativa. Nova divisão sexual do trabalho? E o subtítulo situa o livro dentro de uma análise sobre a empresa e a sociedade.

Ou seja, parte-se de um debate sobre as relações sociais de gênero, constituintes das relações sociais e familiares, e sobre as relações sexuais de trabalho, entendendo suas manifestações dentro da esfera do trabalho produtivo. Embora sejam duas dimensões distintas – as sociais e as de trabalho – ambas estão estritamente correlacionadas sob uma perspectiva da construção do modo de produção capitalista e das suas relações sociais.

Dentre os textos contidos nesse apanhado de instigantes ideias, estão os diversos estudos de caso realizados pela autora nas suas pesquisas sobre produção industrial, relações de trabalho e a divisão sexual do trabalho na França, no Japão e no Brasil. Aí reside a grande riqueza da sua obra, permitindo compreender as especificidades da dinâmica de trabalho nos países de economias centrais e peri-

* Mestranda em Economia do Trabalho na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: jujufurno@gmail.com.

fêricas, ao mesmo tempo situar que a posição social das mulheres – guardadas as devidas proporções – segue sendo a mesma internacionalmente.

Na construção desses capítulos são debatidas as formas pelas quais o capitalismo e a sua lógica industrial utilizam as diferenças biológicas sexuais para potencializar as construções sociais de gênero, a busca de maximização dos lucros, explorando os estereótipos do masculino/feminino. Com isso, o taylorismo foi uma forma de organização industrial que se sustentou sob o trabalho de mulheres, especialmente jovens, que, mediante as características tradicionalmente associadas ao feminino (ser dócil, submissa, sensível, com familiaridade com tarefas repetitivas e mecânicas, atenta, responsável e apta para atividades consideradas delicadas), lograram ser superexploradas com uma jornada de trabalho coercitiva e regulatória no tempo, o que não teria sido tão possível se os trabalhadores fossem homens, posto que neles a cultura vigente não privilegiou a obediência mecânica e submissa. Nesse sentido, o taylorismo contribuiu para reforçar a divisão sexual existente tanto dentro das empresas, quanto na sociedade, mobilizando as construções históricas de virilidade/feminilidade para alçar maiores eficiências e ganhos de produtividade.

Esse livro situa-se como uma das importantes obras que propõem uma análise que correlacione de maneira forte as dimensões de gênero e de classe. Para a autora, as relações sociais entre os sexos são permeadas por relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas e até mesmo antagônicas, que conjugam a esfera da opressão de gênero com a exploração de classe. Para tanto, a autora lança mão de um conceito da sua companheira de estudos, Daniele Kergoat, a “coextensividade”, para reconhecer a hierarquia das opressões de gênero e de classe. A obra de Helena Hirata denuncia a pobreza de algumas análises, especialmente as econômicas heterodoxas, nas quais os componentes da exploração capitalista fazem-se sentir apenas mediante a extração de mais-valia, como se a sua maximização não contasse com uma opressão precedente na sociedade. Ou seja, além do conflito fundante do capitalismo, a saber, a contradição capital/trabalho, se faz necessário atentar também às outras dimensões que reforçam a sua existência como modelo hegemônico e que – não necessariamente – se excluem com a mudança no modo de produção. É nesse sentido que compreender as relações homem/mulher e, fundamentalmente, incorporar nas análises das ciências sociais a dimensão da divisão sexual do trabalho se faz urgente.

A autora parte de um tipo de análise da divisão sexual de trabalho, a qual conceitua em termos de relações sociais entre os gêneros. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho é considerada um aspecto da divisão social do trabalho, e nela a dimensão opressão/dominação está fortemente contida. Essa divisão do trabalho é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuais e de poder. Embora a autora admita que existam variações históricas e conjunturais na divisão sexual do trabalho, o seu princípio permanece o mesmo, sendo estruturado por um princípio hierárquico no qual o trabalho masculino tem mais valor.

A contribuição central desse livro ao marxismo e à discussão sobre a sua atualidade refere-se à instigante questão colocada no título. Ou seja, está em emergência uma nova divisão sexual do trabalho? Embora a tentação seja respondê-la afirmativamente, a autora nos convida a uma reflexão mais profunda. Sem dúvida existe hoje um novo paradigma de divisão sexual do trabalho profissional, no entanto, para que haja, de fato, um novo paradigma, não é possível apenas mudanças na forma como sexualmente o trabalho é dividido, mas também na esfera do trabalho doméstico, e nessa as mudanças caminham a passos lentos. Embora as mulheres tenham conquistado postos mais altos no mercado de trabalho e até mesmo nas funções de gerência, no que tange ao trabalho doméstico as responsabilidades ainda recaem quase exclusivamente sobre elas. E enquanto as responsabilidades domésticas recaem sobre as mulheres, as bases da divisão sexual do trabalho permanecerão pouco ameaçadas. Além da necessidade de mudanças na divisão do trabalho doméstico, para haver transformações na divisão sexual do trabalho é necessário atentar para a esfera do saber e do poder que, assim como o trabalho doméstico, ainda permanece concentrada, mas no gênero oposto. Nesse sentido, a hierarquia do masculino e do feminino está longe de se esgotar também no mercado de trabalho.

É com essas considerações acima que se responde negativamente à questão que dá título ao texto. Não, não está em voga uma nova divisão sexual do trabalho. O que há é a sua ressignificação e adaptação às novas demandas do capitalismo global, que em momentos de estabilidade econômica clama pela mão de obra feminina, e nos momentos de crise e recessão clama pela volta dos seus papéis de “mães” e “alentadoras das famílias”, enquanto aos homens podem ser garantidos os empregos tendo em vista seu “papel” de provedores da família. O que se assiste, então, são novas formas de operar a divisão sexual do trabalho. Há avanços; porém, na profundidade das relações sociais de gênero e da necessidade de exploração capitalista, as relações permanecem com o mesmo princípio.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Análise marxista da crise
João Quartim de Moraes

Conselhismo e democracia
Luciano Martorano

Ecosocialismo
Michael Löwy

A institucionalidade financeira
Nelson Alves

Debate: um novo salariado?
G. Dumenil, J. Lojkine e M. Vakaloulis

28